

# O uso da vírgula na construção social de significados

Madalena da Silva

Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ

Paula Barbosa Pudo

Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ

Fatec de Itaquaquecetuba ( paula.pudo@gmail.com)

## Resumo

O presente trabalho não tem como foco a aplicação e explicação do uso da vírgula nos estudos da gramática normativa em nossa língua materna, mas, sobretudo, de acordo com a Pragmática, a Semântica e a Linguística Aplicada. Há construções nas quais a simples mudança de posicionamento da vírgula, de um lugar para o outro, muda completamente o sentido do texto. A partir da análise de dados coletados em pesquisa de campo, analisamos o entendimento que um determinado grupo de 30 funcionários da secretaria de segurança pública do estado de São Paulo teve ao deparar-se com a tarefa de relacionar enunciados e seus significados, de acordo com a utilização e posicionamento da vírgula. Foram observados problemas linguísticos que podem acarretar incompreensões durante práticas de linguagem, chegando à gravidade de distorcer as informações de um Boletim de Ocorrência, ou compreender parcialmente artigos do Código Civil.

**Palavras-chave:** significado; vírgula e uso social da linguagem.

## Introdução

Este artigo tem como finalidade expor resultados de uma pesquisa realizada na conclusão do curso de Letras, na qual o uso da vírgula foi o objeto de estudo, uma vez que seu uso inadequado pode acarretar uma interpretação errônea de um enunciado, fato que muitas vezes pode resultar em prejuízos à vida das pessoas envolvidas em situações sociais mediadas pela linguagem.

De acordo com Ilari (2005), não existe em nosso ensino a tradição de tratar do sentido através de exercícios específicos, ao contrário do que ocorre com a gramática. Isso leva o professor na escola a acreditar que, nessa área, não há nada de interessante a fazer.

Há construções nas quais a simples mudança do emprego da vírgula, de um lugar para outro, muda completamente o sentido do enunciado. A declaração de um acidente de trânsito, por exemplo, revela que há situações nas quais o uso da linguagem torna-se um problema para o usuário. Esse problema pode ser encarado como: o enunciado e o modo de emprego da vírgula depõem contra o declarante. Pensando nisto, decidimos realizar uma pesquisa de campo cuja contribuição da Linguística Aplicada é notável, pois enquanto atividade de uso social de linguagem, ela nos permite criar e analisar significados, ou ainda modificá-los, transformando, por conseguinte, o cotidiano do indivíduo.

Como a Linguística Aplicada se constitui como área híbrida de pesquisa na qual convergem estudos

de Psicologia, Sociologia, Antropologia, dentre outros, foram observados os problemas linguísticos que podem acarretar situações sociais, diversas do esperado, pautadas pela interpretação dos textos sugeridos, principalmente no que se refere às leis.

## Teorização Sobre Pragmática, Semântica e Linguística Aplicada

### Pragmática

Fiorin (2005) afirma que a Pragmática é a ciência do uso linguístico, responsável pelo estudo das condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística. A enunciação, o ato de produzir enunciados, que são as realizações linguísticas concretas, é um dos domínios de fatos linguísticos que exigem a introdução de uma dimensão pragmática nos estudos linguísticos.

Plaza Pinto (2004) relata que, apostando nos estudos da linguagem, a Pragmática leva em conta também a fala, e nunca os estudos da língua isolada de sua produção social. A Pragmática defende a não centralidade da língua em relação à fala. Os estudos pragmáticos pretendem, dessa maneira, definir o que é linguagem e analisá-la, trazendo para a definição os conceitos de sociedade e de comunicação.

Para Fiorin (2005), o tempo linguístico é diferente tanto do tempo cronológico, quanto do tempo físico. As marcações cronológicas presentes no texto são co-

mandadas pelo tempo linguístico. O tempo do discurso é sempre uma criação da linguagem, com a qual se pode transformar o futuro em presente, o presente em passado e assim por diante.

Plaza Pinto (2004) nos lembra que a criatividade é uma constante na realização da linguagem, levando à imprevisibilidade no sistema descrito. É impossível descrever e/ou prever todas as estruturas e combinações existentes numa língua. A linguagem não reflete o lugar social de quem fala, mas faz parte desse lugar social. O uso linguístico é a única forma produtiva de se pensar os fenômenos linguísticos. Dizer é fazer: para a Pragmática atual a prática social que chamamos linguagem é indissociável de suas consequências éticas, sociais, econômicas e culturais.

## Semântica

Segundo Marques (2003), os estudos ligados à semântica e à noção de significado têm como causa e consequência a pluralidade e a indeterminação dos fenômenos considerados objeto da semântica. As questões relativas ao significado fazem parte de disciplinas como psicologia, filosofia e lógica.

A autora afirma que na psicologia, o estudo de aspectos do significado pode servir para esclarecer melhor o funcionamento da mente humana, permitindo que o modo pelo qual o indivíduo adquire e utiliza o conhecimento tenha uma compreensão mais profunda.

A semântica, para a filosofia, é um dos caminhos que possibilitam compreender como o ser humano elabora representações simbólicas do mundo, de que forma as organiza e estrutura, conforme princípios capazes de estabelecerem a aceitabilidade e a coerência dessas representações simbólicas, objetivas e subjetivas, de dados da realidade.

Os mecanismos de avaliação e determinação de relações e valores simbólicos podem ser explorados pela lógica, especialmente, as condições de verdade proporcional e de predicação, de sentença e entre sentenças, de enunciados e entre enunciados.

Gomes (2003) revela que a preocupação com o contexto despertada na Semântica deve-se ao fato de que ocorrem em todas as línguas formas passíveis de realizações conceituais distintas, ou seja, a determinação do significado dependeria de suas possíveis realizações contextuais. As palavras teriam sentido virtual só se realizando num determinado ambiente linguístico. Naquele momento, as circunstâncias extralinguísticas seriam responsáveis pelo significado da palavra. A palavra mortal, por exemplo, teria significações diversas: em homem é mortal, a palavra mortal teria o sentido de transitório; trabalho mortal, extenuante e assim sucessivamente na cadeia dos atos

de comunicação.

Segundo Bechara (2001), o enunciado se constrói com palavras e orações organizadas de acordo com princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica. Logo, uma pontuação errônea produz efeitos desastrosos à comunicação.

Illari (2008) aponta que a pouca dedicação reservada ao estudo da significação é um dos fatores que empobrecem o ensino da língua materna. Dedicar-se o tempo à ortografia, à acentuação, à assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, e tantos outros, que deveriam dar um verniz de “usuário culto da língua” aos alunos. Devido à importância que as questões da significação da língua têm, não só nos exames e vestibulares que exigem interpretação de textos, mas também para a vida diária.

Luft (2007) afirma que, no que se refere à vírgula, a responsável pela maioria dos erros de pontuação é a ligação que se estabeleceu entre ela e a pausa. Correto é ensinar que “nem a toda pausa corresponde uma vírgula, nem a toda vírgula corresponde uma pausa.” É comum fazermos pausa entre sujeito e verbo, verbo e complemento. No entanto, sabemos que essas são estruturas nas quais não cabe vírgula.

O autor lembra que sendo nossa virgulação (da língua materna) de base sintática, não devemos separar o que é ligado sintaticamente. Para virgular bem, uma boa intuição é imprescindível, pois nossas gramáticas e manuais de português explicitam regras deficientes e precárias. Essas regras não abrangem todos os casos particulares, visto que não são gerais e precisas o bastante para atingirem esse fim.

Camargo (2005) salienta ser comum a ideia de que a pausa que se faz na leitura para respirar é indicada pela vírgula. Ainda que, intuitivamente, tal ideia encerre certo valor, está longe da resolução do problema de pontuação nos textos. A inversão da ordem direta da frase, a intercalação de elementos que interrompem a leitura do enunciado, a omissão de certos elementos subentendidos e, em alguns casos, a ênfase, em geral, são assinaladas pela vírgula.

Segundo Luft (2007), ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase, governar as rédeas da frase, ter ordem no pensar e na expressão é pontuar bem. A maioria dos alunos não sabe raciocinar, nem analisar, logo, não sabe pontuar. Isso porque não foi ensinada, treinada. O pensamento lógico, a arte do raciocínio e sua clara expressão falada e escrita são raramente exercitados. A má pontuação certifica graficamente a atrofia do pensamento lógico e a ignorância do que é uma frase, sua estrutura e montagem.

Para ele existem duas possíveis causas da má pontuação: indícios de que a análise sintática é mal ensinada – ao invés de clarificar as estruturas e funções, insiste-se em classificações e nomes; pode ainda indi-

car que não se faz análise sintática. Tenta-se trabalhar trechos de livros “análise de textos”. Outra mania é o ensino da “comunicação”. Ora, se os alunos não aprendem ortografia, concordância, regência e pontuação, têm um mau professor de português.

Cunha e Cintra (2007) destacam que, diferente da língua falada, a língua escrita não dispõe de muitos recursos rítmicos e melódicos. A pontuação visa à reconstituição aproximada do movimento vivo da elocução oral. Os sinais de pontuação podem ser divididos em dois grupos, estando a vírgula inserida no grupo formado, fundamentalmente, por sinais cuja função é marcar as pausas. Ao outro grupo pertencem os sinais de pontuação destinados, essencialmente, a marcar a melodia, a entonação. Em geral, os sinais de pontuação marcam, simultaneamente, pausa e melodia.

Já Cipro Neto (2009) combate esse posicionamento enfatizando que os sinais de pontuação servem para estruturar as frases, conferindo ritmo e sentido ao que se pretende transmitir. Seu papel diz respeito à estruturação, à ordem, ao significado que se atribui às palavras escritas e não à reprodução dos sinais sonoros. Portanto, não há que dizer que eles representam as pausas e as melodias da língua falada.

De acordo com Koch (2000), pragmaticamente, o texto passou a ser encarado pelas teorias acionais, como uma sequência de atos de fala; pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que neste processo global constitui apenas uma fase.

Para Koch (2000), a constituição de um texto se dá quando os participantes de uma atividade comunicativa global, diante de uma manifestação linguística, utilizando uma rede complexa de fatores de ordem situacional, cognitiva, sociocultural, são capazes de construir, para ela, determinado sentido. Logo, o sentido não está no texto, ele se constrói a partir do texto, no curso de uma situação. Para chegarmos às profundezas do implícito e extrairmos dele um sentido é necessário recorrermos a vários sistemas de conhecimento e ativarmos processos e estratégias cognitivas e interacionais.

## Linguística Aplicada

Moita Lopes (2006) afirma que a complexidade dos fatos envolvidos com a linguagem em sala de aula exige argumentos direcionados a um arcabouço teórico interdisciplinar para sua solução. O linguista aplicado precisaria se envolver com conhecimento teórico que

atravessasse outras áreas do conhecimento geradoras de configurações teórico-metodológicas próprias, para tentar entender teoricamente a questão de pesquisa com que se defrontava. Dessa maneira o problema de pesquisa passou a ser construído interdisciplinarmente e a relevância desse enfoque na problematização de questões de uso da linguagem dentro ou fora da sala de aula começou a ser levantada.

Os ideais da modernidade têm sido questionados e reescritos especialmente aqueles referentes à definição do sujeito social como homogêneo, expondo seus atravessamentos identitários, construídos no discurso, como também os ideais que dizem respeito a formas de produzir conhecimento sobre tal sujeito, que tradicionalmente o descorporificavam no interesse de apagar sua história, sua classe social, seu gênero, seu desejo sexual, sua raça, sua etnia.

Uma dimensão essencial em áreas aplicadas é ter as questões de pesquisa identificadas por aqueles que vivem as práticas sociais como sendo válidas de seus pontos de vista. Estes devem ser chamados a opinar sobre os resultados das pesquisas.

## Linguística Aplicada Crítica

Moita Lopes (2006) entende a Linguística Aplicada Crítica, não como um método, uma série de técnicas, ou um corpo fixo de conhecimento, mas como uma abordagem mutável e dinâmica para as questões da linguagem em contextos múltiplos. Prefere compreendê-la como uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo, como um modo de pensar e fazer sempre problematizador, não guardando relação com o mapeamento de uma política fixa sobre um corpo de conhecimento estático.

De acordo com o ponto de vista do autor, a Linguística Aplicada Crítica possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses que até então não tinham sido considerados pela Linguística Aplicada, tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo ou a reprodução de alteridade.

Foucault (apud Moita Lopes, 2006, p. 70) ressalta que “nunca se deve permitir que a política descance sobre a satisfação de sua própria autoconcepção, sobre as identidades que afirma serem as constituintes de sua própria comunidade”.

Moita Lopes (2006) chama a atenção para a necessidade de mantermos uma postura cética em relação a conceitos e modos de pensamento que nos são próximos. Devemos ter cuidado ao analisarmos e promovermos abordagens críticas de Linguística Aplicada para que os termos e conceitos que usarmos não sejam ao mesmo tempo prejudiciais às próprias comunidades com que estivermos trabalhando. Assim, ao nos preocuparmos com o inter-relacionamento entre

diferença, domínio, disparidade e desejo, devemos concomitantemente ser sensíveis à natureza duvidosa de nossas terminologias.

É preciso atenção ao escrevermos, ao lermos enunciados verbalizados por nós, escritos por outros e, principalmente, aqueles nos quais seguem nossas assinaturas. Tomemos por exemplo o seguinte enunciado: “Eu vinha com meu veículo pela Rua Carlos Prestes, sentido centro, em alta velocidade, ele bateu no meu carro no cruzamento com a Rua Marta Lopes”. De acordo com o emprego da vírgula, o “eu” presente no enunciado afirma ser o causador do acidente, porém o enunciado descritivo do que ocorreu na verdade deveria ter a vírgula após a palavra “velocidade” excluída.

Nesse caso a vítima da imprudência de outro, torna-se o imprudente, o causador da tragédia. E, mais, não poderá recorrer à justiça para sanar seu prejuízo apenas financeiro, caso não haja pessoas vítimas de lesões corporais ou de morte, o que tornará a situação do condutor do veículo muito mais complicada.

Pensando um pouco além, ainda pode acontecer do verdadeiro causador do acidente “esperto” requerer na justiça o pagamento de seu prejuízo material, ou seja, não havendo pessoas feridas e/ou mortas, o conserto de seu carro. Levando a verdadeira vítima a pagar ao autor da tragédia.

## A vírgula no enunciado e o sentido expresso por frases e orações

Como citamos anteriormente, este trabalho não pretendeu focar o uso gramatical da vírgula necessariamente. No entanto, não deixaremos de lado alguns pontos observados por alguns teóricos, voltados para seu emprego de acordo com o uso do português padrão, o socialmente aceito e em determinadas situações, indispensável. Pretendemos a partir deste ponto do trabalho expor enunciados, analisar seus sentidos e provar que o impacto social causado pode acarretar prejuízos significativos às pessoas envolvidas em determinados contextos.

De acordo com Koch e Souza e Silva (2002), o uso de vírgulas para separar as orações relativas apositivas, não é um critério de classificação, é uma decorrência de fatores sintático-semânticos. Assim sendo, muitas vezes, a distinção entre uma oração relativa restritiva e uma apositiva depende do contexto em que estiverem inseridas.

“As obras-primas que foram premiadas são valiosas.”

Assim, sem vírgulas, o exemplo acima significa que “somente as obras-primas que foram premiadas são valiosas, não todas”.

Vejamos como fica o mesmo enunciado com o emprego da vírgula:

“As obras-primas, que foram premiadas, são valiosas.”

Neste exemplo o enunciado revela que “todas as obras-primas foram premiadas”.

## Análise de diferentes interpretações decorrentes do uso da vírgula

Nesta parte do trabalho, propomos uma breve análise de enunciados em que se podem verificar alterações de sentido a partir de diferentes posicionamentos da vírgula.

A vírgula pode valorizar alguém em detrimento de outro:

“Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, andaria de quatro a sua procura.”

“A valorização da mulher fica clara neste enunciado.”

Veja o que acontece ao mudarmos a vírgula de lugar:

“Se o homem soubesse o valor que tem, a mulher andaria de quatro a sua procura.”

Aqui se invertem as posições ocupadas por homem e mulher no enunciado, sendo o homem valorizado.

## Uso da vírgula em artigos do Código Civil

Os enunciados transcritos, a seguir, tiveram sua redação de acordo com o contido no Código Civil. Os itens abaixo constituíram o questionário elaborado para coleta de dados em campo. Foram redigidas dez questões, sendo cada uma delas escritas duas vezes. Empregamos a vírgula em pontos diferentes do mesmo enunciado, produzindo duas orações para cada questão, a fim de que se relacionasse cada versão do enunciado a uma das orações.

Participaram da pesquisa trinta indivíduos, homens e mulheres, todos exercendo suas atividades profissionais junto à Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo.

### Artigo 1.611 CC

“O filho havido fora do casamento, reconhecido por um dos cônjuges, não poderá residir no lar conjugal sem o consentimento do outro.” (Art. 1.611 CC)

Este artigo trata do reconhecimento do filho, sendo entendido como:

“O filho nascido fora do casamento, quando reconhecido por um dos cônjuges, precisará do consentimento também do outro cônjuge para residir no lar conjugal.”

Trocando a vírgula de lugar o casamento figurará como reconhecido:

“O filho havido fora do casamento reconhecido por

um dos cônjuges, não poderá residir no lar conjugal sem o consentimento do outro.”

Entendemos que:

“O casamento deve ser reconhecido pelos dois cônjuges, para que o filho nascido fora desse casamento possa residir no lar conjugal sem o consentimento de um dos cônjuges.”

## Enunciados presentes na linguagem oral, na vida cotidiana

A seguir apresentaremos frase elaborada a partir de brincadeiras junto às pessoas com as quais convivemos; outra na qual ora trataremos de parte de um conjunto, ora de todo o conjunto.

Para descontraír e saborear, que tal um cafezinho?

Pode ser pela manhã ou no meio da tarde, para os adeptos de um bom café, toda hora é hora, então:

“Quer um café fresco?”

(Fresco qualifica o café que está no auge de seu sabor agradabilíssimo, ou seja, acaba de ser preparado.)

Acrescentando-se uma única vírgula pode ser divertido, mas cuidado! Alguém pode se ofender. É importante sabermos com quem podemos contar na hora de descontraír. Vejam só:

“Quer café, fresco?” (Alguém está sendo adjetivado com o vocábulo fresco.)

No próximo enunciado usaremos a vírgula para diferenciar quando se deseja declarar algo de parte de um conjunto ou de todo o conjunto.

“A mulher que roda à baiana por qualquer coisa é pouco perspicaz.” (somente a mulher encrenqueira)

“A mulher, que roda à baiana por qualquer coisa, é pouco perspicaz.” (todas as mulheres)

## Considerações finais

Durante a elaboração deste trabalho tivemos mais uma oportunidade de aprimorar o conhecimento construído no processo de ensino-aprendizagem, nos últimos três anos, pois a importância da escrita, para expressarmos claramente nossas ideias, e da compreensão do que lemos, levando em conta não apenas os vocábulos, mas também a pontuação, neste caso o uso da vírgula, levou-nos a refletir sobre várias situações de uso e problemas da linguagem, principalmente diante de declarações nas quais colocamos nossa assinatura.

A Semântica, a Linguística Aplicada e a Pragmática muito nos acrescentaram, tornando possível a análise do uso da vírgula, que buscou nas práticas sociais da linguagem o significado de enunciados presentes na sociedade em diversas situações.

É possível observarmos que a interpretação de textos, principalmente inseridos em diversas áreas da

legislação, pode causar grandes transtornos, inclusive transformar vítima em culpado e até mesmo torná-la vítima em potencial da crueldade do verdadeiro responsável pelos fatos causadores dos prejuízos.

O resultado obtido na pesquisa de campo mostra ainda o quanto nos tornamos vulneráveis, enquanto candidatos a uma vaga oferecida num concurso público, quando não estamos preparados o bastante para compreendermos as ideias presentes em enunciados nos quais a vírgula é suficiente para alterar o significado.

A linguagem é comunicação. A comunicação existe e ocorre muito antes e além da sala de aula, está presente em todas as áreas do conhecimento, pensando nisto, literalmente, tiramos a vírgula da sala de aula e da Gramática Normativa, levamo-la a outros contextos nos quais ambientamos nossas práticas sociais, e buscamos enfatizar seu impacto em ocorrências presentes o tempo todo na sociedade. Logo, verifica-se neste trabalho que a vírgula decide o significado do enunciado e provoca impactos sociais aos envolvidos em determinadas situações.

## Referências Bibliográficas

- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- CAMARGO, Thaís Nicoleti de. **Uso da vírgula**. Barueri/SP: Manole, 2005.
- CIPRO NETO, Pasquale. **Como usar a vírgula e outros sinais de pontuação**. Barueri/SP: Gold, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- FIORIN, José Luiz. **Pragmática**. In FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à linguística II. Princípios de análise**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 161 – 186.
- GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da semântica linguística**. Ijuí/SP: Unijuí, 2003.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica – brincando com a gramática**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000, pp. 21 – 25.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça e SOUZA E SILVA, Maria Cecília Pérez de. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 93 – 131.
- LUFT, Celso Pedro. **A vírgula**. São Paulo: Ática, 2007.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.
- PLAZA PINTO, Joana. **Pragmática**. In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (orgs). **Introdução à linguística – domínios e fronteiras**. Vol 2. São Paulo: Cortez, 2004, pp. 47 – 67.

### Informações sobre as autoras:

#### **Madalena da Silva**

Formada em Letras pela Faculdade Unida de Suzano (UNISUZ)

#### **Paula Barbosa Pudo**

Graduada em Letras/Tradutor pela Universidade de Mogi das Cruzes , mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (2003) e Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco - RJ (2005). Docente da Faculdade Unida de Suzano- UNISUZ e da FATEC de Itaquaquecetuba.